Sonetos Amorosos

LXI

Ferido sem ter cura perecia
O forte e duro Télefo temido
Por aquele que n'água foi metido,
E a quem ferro nenhum cortar podia.

Ao Apolíneo Oráculo pedia
Conselho para ser restituído;
Respondeu que tornasse a ser ferido
Por quem o já ferira, e sararia.

Assim, Senhora, quer minha ventura
Que, ferido de ver-vos, claramente
Com vos tornar a ver Amor me cura.

Mas é tão doce a vossa formosura,
Que fico como hidrópico doente,
Que co beber lhe cresce mor secura.

Sonetos Amorosos

LXII

Na metade do Céu subido ardia
O claro, almo Pastor, quando deixavam
O verde pasto a cabras, e buscavam
A frescura suave da água fria.

Co a folha da árvore sombria,
Do raio ardente as aves se amparavam;
O módulo cantar, de que cessavam,
Só nas roucas cigarras se sentia.

Quando Liso pastor, num campo verde
Natércia, crua Ninfa, só buscava
Com mil suspiros tristes que derrama.

“Porque te vás, de quem por ti se perde,
Para quem pouco te ama?” suspirava.
E Eco lhe responde: “Pouco te ama”.

Sonetos Amorosos

LXIII

Já a roxa e branca Aurora destoucava
Os seus cabelos de ouro delicados,
E das flores os campos esmaltados
Com cristalino orvalho borrifava;

Quando o formoso gado se espalhava
De Sílvio e de Laurente pelos prados;
Pastores ambos, e ambos apartados,
De quem o mesmo amor não se apartava.

Com verdadeiras lágrimas Laurente:
“Não sei, (dizia), ó Ninfa delicada,
Porque não morre já quem vive ausente;

Pois a vida sem ti não presta nada”.
Responde Sílvio; “Amor não o consente;
Que ofende as esperanças da tornada.”

Sonetos Amorosos

LXIV

Quando de minhas mágoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquela alma me aparece
Que para mim foi sonho nesta vida.

Lá numa soidade, onde estendida
A vista pelo campo desfalece,
Corro para ela; e ela então parece
Que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: “Não me fujais, sombra benina!”
Ela, os olhos em mim cum brando pejo,
Como quem diz que já não pode ser,

Torna a fugir-me; e eu, gritando: Dina...
Antes que diga mene, acordo e vejo
Que nem um breve engano e posso ter.

Sonetos Amorosos

LXV

Suspiros inflamados que cantais
A tristeza com que eu vivi tão ledo!
Eu morro e não vos levo, porque hei medo
Que, ao passar do Lete, vos percais.

Escritos para sempre já ficais
Onde vos mostraram todos co dedo,
Como exemplo de males; e eu concedo
Que para aviso de outro estejais.

Em quem, pois, virdes falsas esperanças
De Amor e da Fortuna, cujos danos
Alguns terão por bem-aventuranças,

Dizei-lhe que os servistes muitos anos;
E que em Fortuna tudo são mudanças,
E que em Amor não há senão enganos.

Sonetos Amorosos

LXVI

Aquela fera humana que enriquece
Sua presuntuosa tirania
Destas minhas entranhas, onde cria
Amor um mal que falta quando cresce;

Se nela o Céu mostrou — como parece —
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida se injuria?
Porque de minha morte se enobrece?

Ora, enfim, sublimei vossa vitória,
Senhora, com vencer-me e cativar-me;
Fazei disto no mundo larga história.

Que, por mais que vos veja maltratar-me,
Já me fico logrando desta glória
De ver que tendes tanta de matar-me.

Sonetos Amorosos

LXVII

Ditoso seja aquele que somente
Se queixa de amorosas esquivanças;
Pois por elas não perde as esperanças
De poder n'algum tempo ser contente.

Ditoso seja quem, estando ausente,
Não sente mais que a pena das lembranças;
Porque ainda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dor quando se sente.

Ditoso seja, enfim, qualquer estado
Onde enganos, desprezos e isenção
Trazem o coração atormentado.

Mas triste quem se sente magoado
De erros em que não pode haver perdão,
Sem ficar n'alma a mágoa do pecado.

Sonetos Amorosos

LXVIII

Quem fosse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a avezinha
Que, depois de perder um bem que tinha,
Não sabe mais que coisa é ser contente!

Quem fosse, apartando-se da gente,
Ela por companheira e por vizinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
Eu a ela o pesar que tanto sente!

Ditosa ave que, ao menos, se a Natureza
A seu primeiro bem não dá segundo,
Dá-lhe o ser triste a seu contentamento.

Mas triste quem de longe quis Ventura
Que, para respirar, lhe falte o vento,
E para tudo, enfim, lhe falte o mundo!

Sonetos Amorosos

LXIX

O culto divinal se celebrava
No templo donde toda a criatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.

Ali Amor, que o tempo me aguardava
Onde a vontade tinha mais segura,
Numa celeste e angélica figura
A vista da razão me salteava.

Eu, crendo que o lugar me defendia,
De meu livre costume não sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia,

Deixei-me cativar; mas já que entendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

Sonetos Amorosos

LXX

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e pérolas, doce riso,
Debaixo de ouro e neve, cor de rosa;

Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso,
Como por natureza, ser formosa;

Fala de quem a morte e a vida pende,
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegria comedido.

Estas armas são com que me rende
E me cativa Amor; mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.

Sonetos Amorosos

LXXI

Bem sei, amor, que é certo que receio;
Mas tu, porque com isso mais te apuras,
De manhoso mo negas, e mo juras
Nesse teu dourado arco; e eu to creio.

A mão tenho metida no teu seio,
E não vejo meus danos às escuras;
E tu contudo tanto e me asseguras,
Que me digo que minto, e que me enleio.

Nem somente consinto neste engano,
Mas inda to agradeço, e a mim me nego
Tudo o que vejo e sinto de meu dano.

Oh! poderoso mal a que me entrego!
Que, no meio do justo desengano,
Me possa inda cegar um moço cego!

Sonetos Amorosos

LXXII

Como quando do mar tempestuoso
O marinheiro, lasso e trabalhado,
De um naufrágio cruel já salvo a nado,
Só ouvir falar nele o faz medroso,

E jura que, em que veja bonançoso
O violento mar e sossegado;
Não entre nele mais, mas vai, forçado
Pelo muito interesse cobiçoso;

Assim, Senhora, eu, que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvar-me,
Jurando de não mais em outra ver-me.

Minha alma, que de vós nunca se ausenta,
Dá-me por preço ver-vos, faz tornar-me,
Donde fugi tão perto de perder-me.

Sonetos Amorosos

LXXIII

Amor é um fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Sonetos Amorosos

LXXIV

Se pena por amar-vos se merece,
Quem dela livre está, ou quem isento?
Que alma, que razão, qu'entendimento
Em ver-vos se não rende e obedece?

Que mor glória na vida s'oferece,
Que ocupar-se em vós o pensamento?
Toda a pena cruel, todo tormento
Em ver-vos se não sente, mas esquece.

Mas se merece pena quem amando,
Contino vos está, se vos ofende,
O mundo matareis, que todo é vosso.

Em mim podeis, Senhora, ir começando,
Pois bem claro se conhece e bem se entende
Amar-vos quanto devo e quanto posso.

Sonetos Amorosos

LXXV

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bela recolhidos,
Agora sobre as rosas estendidos
Fazeis que sua graça se acrescente;

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios encendidos,
Se de cá me levais alma e sentidos,
Que fôra, se de vós não fôra ausente?

Honesto riso, que entre a mor fineza
De pérolas e corais nasce e parece,
Se n'alma em doces ecos não o ouvisse!

Se imaginando só tanta beleza,
De si, com nova glória, a alma se esquece,
Que será quando a vir? Ah quem a visse!

Sonetos Amorosos

LXXVI

Foi já um tempo doce cousa amar,
Enquanto me enganava a esperança;
O coração, com esta confiança,
Todo se desfazia em desejar.

Ó vão, caduco e débil esperar!
Como se desengana uma mudança!
Que, quanto é mor a bem-aventurança,
Tanta menos se crê que há-de durar.

Quem já se viu contente e prosperado,
Vendo-se em breve tempo em pena tanta,
Razão tem de viver bem magoado.

Mas quem já tem o mundo experimentado,
Não o magoa a pena nem o espanta,
Que mal se estranhará o costumado.

Sonetos Amorosos

LXXVII

**Conversação doméstica afeiçoa,
Ora em forma de boa e sã vontade,
Ora de uma amorosa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa.**

**Se depois, por ventura, vos magoa
Com desamor e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando Amor, que tudo, em si perdoa.**

**Não são isto que falo conjecturas
Que o pensamento julga na aparência,
Por fazer delicadas escrituras.**

**Metida tenho a mão na consciência,
E não falo senão verdades puras
Que me ensinou a viva experiência.**

Sonetos Amorosos

LXXVIII

No mundo quis um Tempo que se achasse
O bem por certo ou sorte vinha;
E, por experimentar que dita tinha,
Quis que a Fortuna em mim se experimentasse.

Mas porque meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta tão longa vida minha
Cousa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costume, terra e estado,
Por ver se se mudava a sorte dura;
A vida pus nas mãos de um leve lenho.

Mas — segundo o que o Céu me tem mostrado —
Já sei deste meu buscar ventura,
Achado tenho já que não a tenho.

Sonetos Amorosos

LXXIX

A perfeição, a graça, o doce jeito,
A Primavera cheia de frescura
Que sempre em vós floresce, a que a ventura
E a razão entregaram este peito;

Aquele cristalino e puro aspeito,
Que em si compreende toda a formosura,
O resplendor dos olhos e a brandura,
Donde Amor a ninguém quis ter respeito;

S'isto que em vós se vê, ver desejais,
Como digno de ver-se claramente,
Por muito que de Amor vos isentais,

Traduzido o vereis tão fielmente
No meio deste espírito onde estais
Que, vendo-vos, sintais o que ele sente.

Sonetos Amorosos

LXXX

Vós, que de olhos suaves e serenos,
Com justa causa a vida cativais,
E que os outros cuidados condenais
Por indevidos, baixos e pequenos;

Se ainda do Amor domésticos venenos
Nunca provastes, quero que saibais
Que é tanto mais o amor depois que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos.

E não cuide alguém que algum defeito
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito.

Antes o dobra mais e, se atormenta,
Pouco e pouco o desculpa o brando peito;
Que Amor com seus contrários se acrescenta.